

Plano de Reagan será posto logo em prática

Washington — Em fontes competentes, se diz que o novo programa do presidente Ronald Reagan para encarar a crise cada vez maior da dívida externa pode adquirir um caráter "funcional" em poucos meses.

A nova estratégia antecipada pelo secretário do Tesouro, James Baker, prevê uma reativação do crédito para pagar os 360 bilhões de dólares que a América Latina deve, sem permanecer no estancamento em que caiu como consequência dos programas de reajuste.

O plano se desenvolve em meio a críticas, tanto por parte de dirigentes latino-americanos como de observadores norte-americanos.

O colunista econômico Robert Samuelson insinuou, esta semana, na revista **Newsweek**, a necessidade de reduzir parcialmente a cobrança dos bancos privados, que representam 230 bilhões do que a região deve.

Bônus

"Deve-se forçar os bancos a descartar a cobrança de 10 a 15 por cento dos créditos", disse Samuelson. "Os bancos poderiam trocar os créditos por bônus emitidos pelo Fundo Monetário Internacional, ao qual pagaram os países devedores com juro reduzido. Os dois elementos reduziriam de 15 a 20 por cento o peso da dívida e permitiria aos países latino-americanos reiniciar seu desenvolvimento".

"O cancelamento de parte da dívida afetará os juros dos bancos particulares, que, por emprestarem em excesso terão de pagar as consequências da má administração de seus recursos, como qualquer outra empresa. O papel do

governo norte-americano não é o de salvar os bancos de seus erros".

Relações

Samuelson disse ainda que "é absurda" a forma em que vem sendo conduzidas as relações econômicas com a América Latina, que ele considera mais importantes para os Estados Unidos após as do Canadá.

"E preciso ter um sentido do absurdo para entender como se pode deixar empobrecer a América Latina, para que os Estados Unidos gozem de maior índice de empregos", expressou.

Samuelson disse ainda que "a queda dos níveis de vida nesses países foi devastadora sobre nossas exportações. Os latinos têm de exportar mais e importar menos para gerar os dólares necessários a seus pagamentos externos".

A redução das compras desses países representa uma quinta parte do déficit desencadeou uma onda protecionista que reduziu ao máximo os lucros de exportação de que a América Latina precisa para pagar sua dívida.

Os números atualizados do Morgan Guaranty Trust indicam que sete dos 10 mais endividados países do mundo em desenvolvimento são da América Latina:

1. Brasil	102.900
2. México	96.500
3. Argentina	49.308
4. Venezuela	31.100
5. Filipinas	26.500
6. Chile	21.100
7. Nigéria	21.000
8. Iugoslavia	19.000
9. Peru	13.900
10 Equador	7.600